

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento
Pôster

**A CARICATURA NA PERSPECTIVA DA REPRESENTAÇÃO
DOCUMENTÁRIA**

***THE CARICATURE THROUGH THE DOCUMENTARY
REPRESENTATION PERSPECTIVE***

Rita de Cássia Souza Ribeiro (PPGCI/UFF/IBICT, ritaribeiro@predialnet.com.br)
Rosa Inês de Novais Cordeiro (PPGCI/UFF/IBICT, igneznovais@uol.com.br)

Resumo: Resultado de pesquisa que analisa a caricatura visando sua representação documentária. Para a formação do quadro teórico foram estudados princípios metodológicos aplicados à indexação do conteúdo das imagens e obras de ficção. A interpretação da caricatura é realizada com base nos estudos semióticos. A partir do estudo empírico na obra de J. Carlos, K. Lixto e Raul propõe-se uma possível sistematização de categorias informacionais para a análise da caricatura, a fim de operacionalizar a indexação e criar pontos de acesso para a recuperação das informações do objeto de pesquisa, bem como o estudo e a organização do conhecimento referente às caricaturas, incorporando-os à área de interesse da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Análise da Caricatura. Interpretação da Caricatura. Representação Documentária da Caricatura. Indexação da Caricatura.

Abstract: It presents the result of a research which analyses the caricature, focusing on its documentary representation. In order to form the theoretical set, the methodological principles applied to indexation of images contents and fiction studies were studied. The interpretation of caricature is achieved through semiotic studies. Based on the empirical studies in J. Carlos, K. Lixto and Raul works it suggests a possible systematization of informational categories aiming at analysing the caricature, to operate the indexation and create access points to research object retrieval, such as the knowledge organization in regard to caricatures, incorporating them to the interest of Information Science studies.

Keywords: Analysis of Caricature. Interpretation of Caricature. Documentary Representation of Caricature. Indexation of Caricature.

1 INTRODUÇÃO

A caricatura proporciona uma infinidade de olhares e entre tantas formas de vê-la, uma é atentar para seu conteúdo informativo e perceber as informações que lhe são singulares.

Embora tendamos olhar para a caricatura como um desenho engraçado, em que a imagem, quase sempre humana, é deturpada para provocar o riso e esta visão não esteja tão distante das marcas da caricatura, pensamos que seu alcance seja bem maior.

Para nós, que a concebemos como objeto de pesquisa, a caricatura é mais que uma imagem cômica. Nós a entendemos um documento não textual, como uma imagem-documento, portanto, plena de informações.

Os estudos da imagem têm tido pouca ênfase na literatura, se os comparamos a outros estudos da representação da informação. Por outro lado, as imagens estão sendo cada vez mais utilizadas como veículo informacional e/ou comunicacional. Observa-se, também, sua ampla utilização como ilustração ou reafirmação de argumentações em trabalhos textuais.

Assim, cremos que os estudos de Representação Documentária da Caricatura no âmbito da Ciência da Informação são relevantes, bem como um desafio a ser transposto.

Apresentamos aqui uma síntese do resultado de nossa pesquisa, que há um ano e meio estamos desenvolvendo no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, no qual temos a Caricatura como objeto de estudo, em que analisamos e interpretamos a imagem e o texto para elaboração de categorias de análise e representação das informações.

Iniciamos este trabalho demonstrando os levantamentos bibliográficos que antecederam nossos estudos, bem como nosso referencial teórico. No item 2 abordamos sobre o objeto – caricatura, com destaque para o termo e o conceito que utilizamos. No item 3 destacamos a importância da caricatura como objeto de informação para a Ciência da Informação. No item seguinte destacamos a importância da caricatura como objeto de informação para a Ciência da Informação. O item 5 é dedicado a interpretação da caricatura, apresentada pelos estudos semióticos, a metodologia utilizada em nossos estudos, de forma resumida e a sistematização das categorias estudadas até o momento. A este, segue nossas considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo que ora desenvolvemos sobre as imagens da caricatura, em que enfocamos a análise e a representação de princípios de representação de informações de imagens e texto, foi precedido por levantamento bibliográfico e revisão de literatura.

Na WEB consultamos alguns endereços, tais como: os catálogos da Biblioteca Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), PUC Campinas, Universidade de Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Paraíba (UFPb).

Buscamos na Área de Ciências Sociais Aplicadas, nas bases de dados Citas Latino Americanas em Ciências Sociales y Humanidades – CLASE, Information Science & Technology Abstracts – ISTA, Library and Information Science Abstracts – LISA, Scientific Electronic Library Online – Scielo e na Wilson Web e também nas Dissertações e Teses que constam na página do PPGCI da UFF/IBICT, temas concernentes aos nossos estudos. Com exceção da Wilson Web onde não delimitamos tempo, o período de busca contemplou o espaço entre 2000 e 2007. As consultas às bases on-line foram realizadas até 18 de junho de 2007 e os resultados apresentados não se adequaram aos nossos objetivos.

Visitamos a Biblioteca Nacional para verificar de que forma estavam organizados os acervos das imagens dos caricaturistas que escolhemos trabalhar, como poderíamos acessá-los e como tais visitas poderiam nos auxiliar teórico-metodologicamente.

Assim, diante dos resultados apresentados e da falta de literatura específica para embasamento teórico-metodológico que necessitávamos para a análise e representação de princí-

pios de recuperação de informação de caricaturas, fundamentamos nossas questões fazendo analogia com os procedimentos metodológicos existentes para análise de imagens pictóricas, para imagem fotográfica, imagens em movimento (fílmica) e obras de ficção e da lógica triádica do interpretante da semiótica peirceana. Apoiamos-nos também em critérios já utilizados para análise e indexação de documentos textuais.

Sobre o próprio objeto – **caricatura**, entendemos que o conceito, bem como a história, são pontos importantes a serem apresentados. O conceito de caricatura que utilizamos teve como referência Rabaça e Barbosa (2002), porque entendemos que conceituar a caricatura é fundamental para diferenciá-la dos demais desenhos gráficos.

Sobre a História da Caricatura, utilizamos os estudos de Herman Lima (1963), Mikhail Bakhtin (1999) e Joaquim da Fonseca (1999), procurando entender suas origens, suas vinculações históricas e evolução no tempo e no ambiente social, cujos fundamentos compõem um capítulo de nossa dissertação.

No contexto da análise da imagem os pressupostos aplicados em nosso trabalho são os desenvolvidos por Shatford (1986), principalmente no que se refere às categorias Quem, Quando, Onde, O Que e Sobre abordadas pela autora para a análise de imagens artísticas e fotográficas. Pretendemos focar a linguagem não verbal contida nas imagens da caricatura, trazendo para este objeto os princípios pensados para as artes plásticas e para a fotografia.

No que se refere à análise da imagem pelo indexador, atentamos para os princípios utilizados por Cordeiro (2000), como delimitador do olhar do indexador, aplicados a uma política de indexação. Tais princípios, da margem de segurança, do acesso coletivo, da coincidência e da polirrepresentação, envolvem a representação documentária dos conjuntos de documentos, o metassentido do indexador e o potencial informativo dos conjuntos dos documentos.

Enfocamos também os princípios de análise de conteúdo da imagem formulados por Moreiro González e Arillo (2003), e na indexação de obras de ficção de Lancaster (1993, 2004), para sustentação técnica da sistematização das categorias apresentadas.

Os estudos semióticos efetivados por Santaella (2004, 2005) nos possibilitam elencar as categorias de análise de aspecto subjetivo apresentadas nas imagens, tendo em meta os estoques informacionais da caricatura e seus possíveis interpretantes. Nos utilizamos da lógica triádica do interpretante da semiótica peirceana, com o intento de ampliar o potencial de análise de outras categorias de representação documentária ainda não enfocadas.

Os conceitos de informação usados no âmbito da Ciência da Informação utilizados em nossa dissertação são os pensados por Barreto (2007), Raya (2007), Hjørland (2007). No entanto, para este trabalho abordamos as discussões efetuadas por William Gofman (1970). Destacamos também a visão de documentação de Paul Otlet.

3 SOBRE A CARICATURA

A caricatura é conhecida por vezes, pelos nomes de charge, cartum, desenho de humor, entre outros. Porém, conforme Rabaça e Barbosa (2002, p.107) explicam, estas são subdivisões da caricatura, que incluem também a caricatura pessoal ou *portrait charge*.

O termo caricatura surgiu do verbo italiano – *caricari*, que significa carregar, sobre-carregar com exagero. Este termo, segundo Joaquim da Fonseca (1999), foi usado pela primeira vez no século XVII em uma publicação satírica.

A palavra caricatura [...] aparece usada pela primeira vez por A. Mosini quando este se referiu a *Diverse Figure*, uma coleção lançada em 1646 como uma série de gravuras chamadas de *ritratini carichi* (retratos carregados), realizadas a partir de desenhos originais dos irmãos Agostinho e Annibale Carracci, satirizando tipos humanos das ruas de Bolonha.[...]. (FONSECA, 1999, p. 18, grifo do autor).

O conceito de caricatura que utilizamos em nossos estudos esclarece:

CARICATURA – Representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas. A forma caricatural não precisa estar ligada apenas ao ser humano (pode-se fazer caricatura de qualquer coisa), mas a referência humana é sempre necessária para que a caricatura se realize. (RABAÇA, BARBOSA, 2002, p. 106-107).

Da mesma forma que a fotografia retrata, a característica básica da caricatura é caracterizar. ‘É a arte de *caracterizar*’, diz Herman Lima (1963, p. 6), citando Robert de la Size-ranne. Mais que isto, a caricatura se encarrega de ressaltar algum gesto, de notar algum traço de fisionomia e unir todos os aspectos inéditos e inesperados da figura humana, como forma de juntar o lado físico ao lado moral, singularizando o ente desenhado.

Segundo Gilberto Freire (apud LIMA, 1963, p. 7) ‘Exagerando numa personalidade os traços característicos, a caricatura dá às vezes um relêvo a constantes de uma cultura inteira’, como é o caso do Tio Sam, que nascida como caricatura do Presidente Abraham Lincoln, acabou por representar todo povo americano.

Os registros dão conta que a caricatura se expandiu com a imprensa, até porque esta é uma arte gráfica, embora alguns estudiosos da caricatura afirmem que seus antecedentes possam ser encontrados no grotesco. Herman Lima (1963, p. 33) chega mesmo a declarar que a caricatura nasceu junto com a humanidade. Segundo este autor “Os antecedentes da caricatura devem ser procurados nas fantasias imaginativas dos antigos *grotesche*, nos líricos conceitos dos monstros romanescos e nas deformações científicas de Leonardo da Vinci [...]” (LIMA, 1963, p. 7, grifo do autor).

Ao longo do século XVIII o conceito da caricatura evoluiu para o cômico, sem, no entanto, deixar de manter sua singularidade que é a de **caracterizar**, resistindo até os dias atuais. E como toda arte cômica, a característica central está o riso e o riso é próprio do ser humano.

Dos estudos físico-biológicos de Aristóteles, Verena Alberti (2002, p. 50) destaca uma passagem escrita em *As partes dos animais*, a qual considera uma afirmativa clássica na história do pensamento sobre o riso: ‘o homem é o único animal que ri’.

Se o riso é uma marca no grotesco, também o é na caricatura. Imaginamos, assim, que o ponto de convergência entre estas duas manifestações artísticas esteja no riso.

4 INFORMAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E CARICATURA

Os registros históricos têm demonstrado que ao longo dos anos o homem procura gravar seu modo de vida de múltiplas formas. Estes registros englobam uma quantidade de informações, inseridas em estoques que não somos capazes de mensurar. Ademais, as informações registradas de diferentes formas e conteúdos, abarcam, entre outros, textos e imagens. Na história humana observamos que quase tudo serve de documento e no conjunto destes documentos as artes plásticas têm tido um papel preponderante. Para além, as imagens são possuidoras de um valor inestimável tanto na comunicação humana, quanto na recuperação da própria História e da memória social.

Nos estudos de análise de imagem empreendidos por Martine Joly a autora destaca que ‘Por toda parte no mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas sob forma de desenhos, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico à época moderna’. (GELB apud JOLY, 1996, p. 17).

Podemos verificar que a informação de que trata a Ciência da Informação é predominante de textos verbais, como artigos científicos, por exemplo. Entretanto o conceito de documento, e, portanto, de informação, já era visto por Paul Otlet, em finais de 1800, de maneira mais abrangente, por considerar que “[...] os registros humanos não se resumem apenas aos livros”, conforme destacado por Maria de Nazaré Pereira (2000).

A emergência da Ciência da Informação como disciplina autônoma, preocupada com a documentação e com a informação gerou um sem número de debates sobre seus objetivos e implicações.

Neste sentido, destacamos o exame sobre os fundamentos da Ciência da Informação realizado por William Goffman em um artigo publicado em 1970. O autor afirma que “As origens da Ciência da Informação, por exemplo, podem estar diretamente traçadas na guerra durante a qual a manipulação eficiente e conhecível da informação de massa era necessária.” (1970, p. 589, tradução nossa).

Os avanços tecnológicos e as necessidades informacionais cada vez maiores da sociedade contemporânea, especialmente após o advento do computador e da internet, determinaram outros modos de ver, lidar e tratar a informação. Neste contexto, não podemos excluir a imagem como veículo de informação, já que esta está cada dia mais presente nas relações comunicacionais.

No âmbito da Ciência da Informação, mais precisamente nos estudos de Representação da Informação, a imagem fotográfica já alçou *status* de objeto investigativo. Sobre a imagem fotográfica estabelecida como documento para a Ciência da Informação, Johanna Smit (1996, p. 29) declara que “[...] torna-se necessário compreender a imagem fotográfica, enquanto informação a ser tratada e recuperada”.

Trazendo para a caricatura o pensamento de Smit (1996), entendemos que o mesmo deve ocorrer com tais imagens. Afinal, o que mostram as caricaturas? Que tipo de informação está oculta na imagem da caricatura?

Com uma abrangência de temas e motivos, a caricatura é capaz de informar sobre política (eleições, escravidão, guerras), sobre políticos e seus governos (Rui Barbosa, Getúlio Vargas, Churchill, Hitler), sobre os costumes (moda, crônica de rua, carestia de vida, futebol, funcionários públicos). Compara-se à fotografia, quando se utiliza do *portrait-charge* para retratar pessoas, mais pontuadamente os traços do rosto. “A cabeça é a parte mais importante do corpo humano.” (LIMA, 1963, p. 671).

A caricatura mundana, classificação dada por Herman Lima, espelha os registros da modernização da sociedade, por exemplo, revelando as transformações de mentes e comportamentos (na maioria das vezes frívolos), tão rapidamente quanto as modificações da cidade.

E não é só. Pela caricatura erudita, aquelas que segundo o autor supracitado ilustram as obras literárias ou peças teatrais, por exemplo, se pode divisar a intelectualidade de uma época. Se os caricaturistas se propuseram a manifestar o cotidiano, também encheram os livros de ilustrações, produziram poemas, ressaltaram o teatro e seus artistas.

Passados mais de 400 de sua criação, os caricaturistas continuam a traduzir em seus desenhos os indivíduos, seus comportamentos, relacionamentos e ambientes sociais. Tais desenhos, desde então, têm crescido gradativa e significativamente, acompanhando o cotidiano daquela sociedade que lhe serve de inspiração. Por outro lado, as imagens têm se diversificado em inúmeros suportes, aumentando também, os estoques informacionais.

Assim, nos parece oportuno que a Ciência da Informação, preocupada com a dinâmica e com a interação social, com os avanços tecnológicos e com a organização do conhecimento, seja um possível campo concernente aos estudos das imagens da caricatura.

Entendemos que a caricatura possui também uma informação de natureza cômica. Vale dizer que, além das informações intrínsecas (aquelas de aspectos de conteúdo) e extrínsecas que as compõem, complementando-a, a caricatura é detentora de uma informação a mais: uma informação de ordem emocional, característica acentuada nas imagens.

Quando falamos da informação adicional que perpassa a caricatura pelo lado do humor, falamos do riso que emerge da imagem quando em contato com um interpretante. E por sua natureza informativa não poderia ser diferente.

Na medida em que o exagero dos traços do desenho ressalta o ente desenhado, tais informações trazem à baila o que há de mais recôndito e individual do ser ou da coisa representada. E esta informação está carregada de graça e humor. Além disso, a imagem apresenta uma informação que não é denotativa, ao contrário, está impregnada de uma outra que lhe tangencia, que lhe toca pelo lado sensível, fruto que é da expressão artística e que entendemos, conforme Cordeiro (2006, p. 2) como informação estética.

As múltiplas possibilidades de visualizar a imagem nos permitem observar um duplo olhar, ou melhor, da diferenciação do 'ver' e do 'ver como'. (CORDEIRO, 2006, p. 2).

Assim, cremos que os estudos de representação da imagem da caricatura, no âmbito da Ciência da Informação, poderão ter como meta atender de um lado aos possíveis intérpretes, entendendo-se como intérpretes usuários de quaisquer níveis, e de outro, os estoques informacionais formados por tais imagens. Para tal, o entendimento da informação da imagem-caricatura no contexto do processo comunicativo e social, tem de levar em conta as possíveis leituras e interpretações para que a mesma produza sentido.

Conforme Fujita (2007, p. 103) “A principal evidência da leitura documentária é o processo de análise de assunto ocorrer pela leitura documentária, envolvendo, para isso, um método de compreensão que reúne o leitor, o texto e contexto como variáveis diferentes.”

5 CARICATURA: DA INTERPRETAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA À METODOLOGIA APLICADA

A sistematização das categorias para organização das informações (imagem e texto) da caricatura e sua conseqüente representação documentária, devem ser pensadas quanto aos seus aspectos intrínsecos e extrínsecos, que são resultantes dos procedimentos da interpretação e representação.

5.1 Interpretação

Acreditamos que a interpretação de uma imagem esteja além de ver a imagem em si. Pressupomos uma análise composta de toda a trajetória, que parte da inspiração do autor até chegar ao sujeito interpretante.

Se as imagens [de maneira geral] retratam a realidade, a caricatura, nos parece, confirma esta idéia. Na medida em que a base do caricaturista é a vida cotidiana, o tempo presente, e não outro, compõe a imagem a fim de completá-la.

No espaço delimitado pelas imagens, nota-se que a caricatura é a que traduz o objeto representado de forma singular. A união da palavra com a imagem ajuda a compreender o conteúdo da mensagem e facilita o processo de transmissão da informação. Na trilogia constituída pelo texto impresso, imagem e legenda destacamos o pensamento de Moles: ‘A legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda’ (MOLES apud SANTAELLA, 2001, p. 55).

Então, compreendemos que por seu alcance representativo, a caricatura é efetivamente um signo, entendendo como signo [...] qualquer coisa de qualquer espécie [...] que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante. (SANTAELLA, 2005, p. 8).

Diante disso, podemos afirmar a natureza interdisciplinar da Semiótica quanto a sua aplicação aos diversos objetos de estudo e área do conhecimento e no caso da Ciência da Informação, como vem sendo aplicada nas pesquisas.

Conforme Santaella (2005, p. 5), na semiótica peirceana o signo tem uma natureza **triádica**. Isto quer dizer que ele pode ser observado:

- em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar;
- na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; e

- nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários.

Da divisão triádica do signo feita por Charles Peirce, o interpretante se refere ao efeito interpretativo que o signo produz em uma mente real ou potencial, é o poder que tem o signo de ser interpretado em si mesmo. Em uma das definições de interpretante dada por Peirce (apud SANTAELLA, 2004, p. 64) aquele autor afirma que “O interpretante não é outra coisa senão uma outra representação”.

No que concerne à relação triádica do signo, Peirce (apud SANTAELLA, 2004, p. 64) declara que “Na sua forma genuína, Terceiridade é uma relação triádica que existe entre um Signo, seu Objeto e um pensamento interpretador, ele mesmo um Signo”.

Seguindo a trilogia, o interpretante também se subdivide em três níveis: no primeiro está o interpretante imediato, no segundo o interpretante dinâmico e no terceiro encontra-se o interpretante final.

O interpretante imediato, 1º nível/primeiridade, é interno ao signo e significa o potencial que o signo tem de ser interpretado ainda no nível abstrato. “É algo que pertence ao signo na sua objetividade.” (SANTAELLA, 2005, p. 24)

O 2º nível, nível de secundidade - é o interpretante dinâmico, ou o efeito de dimensão psicológica, que o signo produz em cada intérprete em particular. É o efeito real, concreto, produzido pelo interpretante. Em consonância com as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, o interpretante dinâmico se subdivide em emocional, energético e lógico.

O primeiro efeito - interpretante emocional - provoca no intérprete a qualidade de sentimento. De acordo com Peirce (apud SANTAELLA, 2004, p. 78) [...] “Este ‘Interpretante emocional’, [...], pode importar em algo mais do que o sentimento de reconhecimento; e, em alguns casos, é o único efeito que o signo produz [...]”. Mesmo estando este interpretante presente em quaisquer interpretações, os ícones tendem a provocar o interpretante emocional com maior intensidade, como é o caso das artes em geral.

O interpretante energético (segundo efeito) se refere a uma ação física ou mental (dispendio de energia) que este provoca no intérprete.

No nível de terceiridade na trilogia do interpretante está o interpretante final, entendendo-se final como ideal, porém inatingível. Este interpretante, *in abstracto*, só seria possível de se alcançar na medida em que se esgotasse todas as possibilidades do intérprete sobre o objeto imediato, o que se torna uma tarefa impossível de se concretizar, dado à dificuldade de se dimensionar o número de intérpretes possíveis de um signo. Conforme Santaella (2004, p. 76): “[...] O interpretante final é aquilo para cuja direção o real tende.”

Reconhecemos que a semiótica peirceana é um estudo por demais abrangente e por isto mesmo complexo. Assim, para nossos propósitos nos deteremos apenas no **nível do interpretante**. Nosso enfoque neste nível se deve a dois fatores: um é ao que se refere aos estoques de informação determinados pela quantidade e diversidade das imagens das caricaturas, distribuídas em múltiplos lugares, formas e suportes. O outro fator diz respeito aos possíveis grupos de usuários, aos quais não podemos determinar.

Entender de que forma o interpretante se manifesta nas imagens da caricatura é de fundamental importância para encontrar potenciais categorias de análise ainda não estudadas.

O primeiro nível do interpretante – interpretante imediato, das caricaturas refere-se a [todos] os efeitos que as imagens ou imagens e palavras têm em si mesma para serem interpretadas.

Nas caricaturas este potencial de ser interpretado suscita algumas questões, tais como: Que efeito a imagem produz para quem a desenha? Que reação a imagem causa quando é publicada e circula na mídia entre a população e é uma informação imediata? Como as caricaturas são percebidas quando se tornam objetos de história ou de memória?

Em virtude de o interpretante imediato ser exclusivo ao signo naquilo que ele tem de objetivo, tais perguntas não passam de hipóteses sobre o que este efeito é capaz de motivar.

As respostas para tais questionamentos só existirão no momento em que imagem e intérprete se encontrarem e este potencial de interpretabilidade efetivamente se exercer.

Na categoria de interpretante dinâmico, nível de secundidade, verificamos que o efeito emocional, no conjunto das imagens analisadas, se desdobra em várias subcategorias, tais como: ostentação, contraste (de idades), extravagância, comiseração, igualdade (de se ver representado), descaso, carência, sofrimento, beleza, harmonia, igualdade, admiração, sensualidade.

Efeito energético – Este efeito, que se segue ao emocional, corresponde a um esforço físico (muscular) ou mental e a um ato singular do intérprete, e isto se dá por um dispêndio de energia.

Observamos que por ser um ato singular de cada intérprete que por sua vez obriga a um esforço muscular, portanto físico, nas caricaturas este efeito é o **riso** que as imagens provocam. Algumas imagens têm um potencial maior que outras, mas, em se tratando de imagens de natureza cômica, todas as caricaturas tendem a produzir este efeito.

Efeito lógico – o efeito lógico está estritamente vinculado às regras de interpretação do intérprete. Dependendo de sua relação com a caricatura, este efeito será exercido em maior ou menor grau. Em outras palavras, quanto maior for o nível de informação que o intérprete tiver sobre o contexto social e histórico da imagem, tanto maior será o nível de percepção lógica retratada na imagem, que poderá promover à mudança de hábito, no sentido de uma ação ou de uma reflexão.

Embora o efeito lógico descrito pela semiótica peirceana esteja descrito como regras de interpretação do intérprete, não podemos desconsiderar o papel do indexador como mediador lógico semiótico. Neste sentido o metassentido do indexador é virtualmente colocado entre os estoques de informação de caricaturas e os potenciais intérpretes. Diante disso, propomos categorias que poderão ser usadas pelo indexador, a partir de uma política de indexação.

Considerando os aspectos intrínsecos das caricaturas, temos:

Conteúdo temático.

- ✓ Acontecimentos – Manifestações socioculturais, eventos, ocorrências de origem política, econômica, de trabalho, de comportamento que servem de motivo para a construção da imagem. A causa, o fato concreto que a caricatura reproduz – p. ex.: manifestações socioculturais (esporte, festa popular, praia, cinema, teatro, baile, encontro social); eventos (congressos, conferências, reuniões), política, economia, ações da vida diária, entre outros.
 - ✓ Cenário – descreve o tipo de espaço contextualizado na caricatura, local - p. ex.: salão de festas, ruas, prédios públicos, residência (interior/exterior).
 - ✓ Faixa etária – Qual a faixa de idade das pessoas/personagens que estão sendo caricaturadas – p. ex.: criança, jovem, adulto, idoso.
 - ✓ Objetos retratados – objetos que fazem parte da caricatura.
 - ✓ Pessoas/personagens – pessoas e/ou personagens retratados na caricatura, quem ou o que está sendo caricaturado.
 - ✓ Relações – Que tipo de relação é mostrada no desenho. p. ex.: relações sociais (infraestrutura social, interclasses, de gênero, de produção, raciais), relações familiares (vida familiar), relações culturais (cultura), políticas.
 - ✓ Tema – tema de sustentação da caricatura – p. ex.: política, economia, cultura, moda, comportamento.
 - ✓ Trajes – refere-se ao tipo de roupa retratada na caricatura – p. ex.: formal, informal, sem trajes (nu).
- Referencial:** comporta todo o conteúdo de referência da obra.
- ✓ Local de referência – local geográfico de produção da caricatura – p. ex.: Rio de Janeiro, Recife, EUA.

- ✓ Tempo retratado – tempo histórico (época) retratado pela caricatura – p. ex.: séc. XX, ano de 1901.

Intenção do autor: Inclui-se nesta categoria a carga de informação emocional que envolve o desenho em si – sentido conotativo.

- ✓ Experiência emocional – no caso da caricatura a experiência consiste na sátira.
- ✓ Discussão – qual é a discussão proposta pelo desenhista – p. ex.: crenças religiosas, política, comportamento, problema social (preconceitos, discriminação, desemprego, moradias, corrupção no governo), economia, condições sociais (deficiências sociais, população carente).

Considerando os aspectos extrínsecos, temos:

Referencial descritivo: o referencial de aspecto extrínseco faz referência àquilo que se considera parte integrante da caricatura, embora não componha os desenhos.

- ✓ Autor – autor da caricatura.
- ✓ Data da caricatura – data em que a caricatura foi publicada ou produzida.
- ✓ Legenda que acompanha a caricatura.
- ✓ Publicação original – refere-se ao livro/periódico da primeira publicação.
- ✓ Título – título da caricatura.

Características físicas: deverão ser descritas as características do desenho analisado (original ou reprodução).

- ✓ Material e técnica – diz respeito ao material utilizado na elaboração dos desenhos e ao tipo de técnica utilizada - p. ex.: bico-de-pena, guache, imagem colorida, imagem preto e branco.
- ✓ Suporte – refere-se ao suporte usado, ao qual o desenho está reproduzido - p. ex.: papel, mídia digital.
- ✓ Qualidade visual – refere-se à qualidade visual da imagem analisada – p. ex.: boa, regular.
- ✓ Estado de conservação – diz respeito ao estado de conservação da imagem em uso – p. ex.: bom, imagem deteriorada, esmaecida, apagada.

Fonte da informação: referências da obra em uso, de acordo com as normas da ABNT.

Por interpretante final entende-se todos os efeitos que os signos causarão quando encontrarem seus intérpretes. Devido ao fato de que é impossível quantificar os intérpretes da caricatura, consideramos que também é impossível prever o interpretante final.

5.2 Representação Documentária

A falta de metodologia apropriada e de literatura específica para o embasamento dos critérios de análise e representação de caricaturas, nos fez buscar em estudos aplicados a outros objetos, apoio para nossa pesquisa.

Os muitos significados de uma imagem acarretam alguns problemas para o indexador e que carecem de definições no momento da análise e da representação documentária.

Reconhecendo a dificuldade da leitura indexadora, Fujita discute a identificação de conceitos na estrutura textual em um modelo de leitura, e demonstra que:

Uma dica importante para a identificação do tema, é fazer um questionamento por categorias temáticas: o que? (categoria essencial), quando?, onde?, como? (categorias acessórias), que podemos denominar de estratégias de inferência e considerá-la como elemento fundamental dos modelos de leitura de indexação. (FUJITA, 2006, p. 5)

No trato com a leitura da imagem Shatford se utiliza das mesmas categorias aplicadas à indexação. De acordo com Shatford (1986, p. 47) uma imagem é simultaneamente genérica e específica e este fato deixa em aberto, para o indexador, o modo como o usuário formulará sua busca. Em função disto a referida autora elaborou um esquema próprio de análise com as

facetas Who? (quem), What? (o que), Where? (onde) e When? (quando), julgando que estas são as perguntas básicas feitas pelos usuários. Por outro lado, a autora afirma que tais facetas especificam as categorias Of (de que) é a imagem de maneira genérica e específica no nível concreto e About (sobre o que), no nível abstrato. No nível concreto, a categoria Of serve para identificar nas caricaturas aspectos tais como, nomes, pessoas, objetos ou animais.

Tendo por objetivo básico a recuperação da informação através da linguagem documentária, que por sua vez é mediada pelo metassentido do indexador, os quatro princípios descritos por Cordeiro (2000, p. 82-87), nos delimitam o olhar sobre a imagem, na perspectiva do indexador.

O Princípio da margem de segurança busca alcançar as informações temáticas e não-temáticas, como forma de reproduzi-las sem ambigüidade de interpretação, nos níveis descritivos e temáticos. (CORDEIRO, 2000, p. 82). Este princípio aplicado à caricatura nos fornece categorias como autor, data, pessoas retratadas, tema específico. Podemos afirmar que esses pontos servem tanto ao indexador (quando da elaboração dos critérios de análise), quanto ao usuário no momento de sua busca, atendendo ao princípio em questão.

O Princípio do acesso coletivo é um preceito que tem como escopo a abrangência da indexação, e não sua profundidade, de modo a facilitar o ponto de acesso a qualquer tipo de usuário. Assim, entendemos que por este princípio toda e qualquer categoria descrita atenda à recuperação da informação.

O Princípio da coincidência engloba o conjunto de perguntas absolutamente idênticas, que atendam a um grupo de documentos, por meio de respostas precisas. O conceito de coincidência estabelece parâmetros entre o conjunto de documentos (que somam a intenção dos textos) e o conjunto de usuários (determinados pelos leitores mediante seus questionamentos). A polissemia da imagem deve ser minimizada no momento da análise documentária e da tradução, pelas diretrizes definidas na política de indexação. Nesta categoria de análise, incluem-se título, acontecimentos, temas, pessoas retratadas, entre outros.

O Princípio da polirrepresentação prescreve que a indexação deva atender a um número de usuários com necessidades variáveis e nem sempre pré-definidas. Busca-se, então a múltipla indexação, objetivando dar conta da informação por diferentes pontos de acesso.

Os critérios de análise de uma imagem requerem uma observação seus aspectos de conteúdo e de referencial. Isto significa ver o todo que compõe a imagem, examinando-a com minúcias.

Moreiro González e Arillo (2003, p. 52) discutem o grau de subjetivismo da representação da imagem para efeito de indexação, ressaltando o grau de polissemia que as mesmas provocam. Sobre as técnicas utilizadas para a indexação dos conteúdos das imagens os autores supracitados determinam a utilização das técnicas comuns à análise de textos, como forma de explicar a imagem e de se identificar pessoas, fatos e locais.

Lancaster (1993, p. 192) analisa as técnicas utilizadas para indexação de obras de ficção e ressalta a exaustividade e a especificidade como decisões importantes no momento da elaboração de um vocabulário controlado.

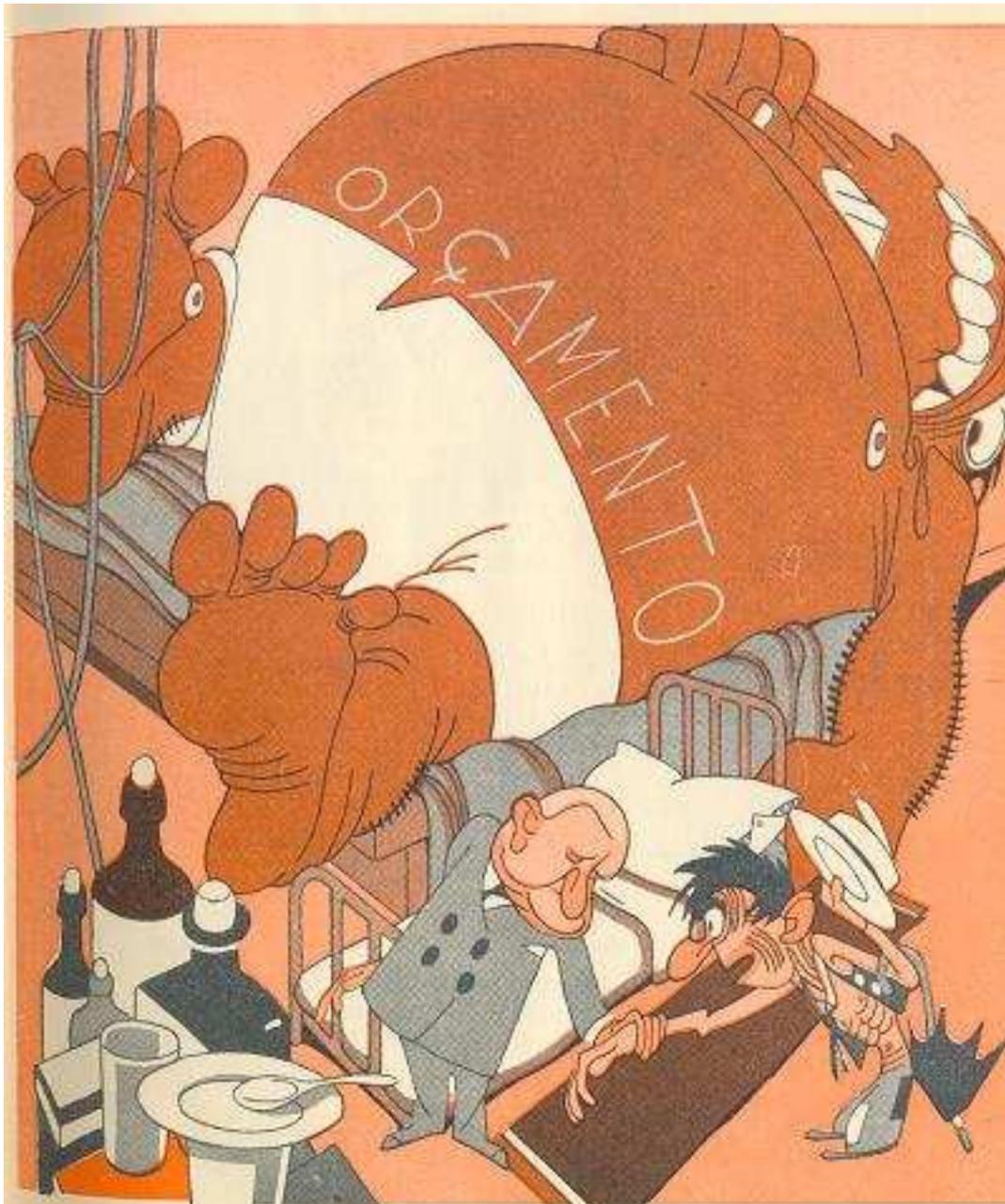
Por outro lado, a exaustividade da indexação e as especificidades dos termos precisam refletir os conteúdos dos documentos (imagem-documento e documentos textuais) quando da elaboração dos índices.

5.3 Sistematização das categorias: resultados prefaciais

A amostra utilizada em nossa dissertação é composta de quinze imagens de J. Carlos, K. Lixto e Raul, compreendidas entre os anos de 1898 até meados de 1950. As imagens escolhidas para nosso estudo empírico contemplam cinco desenhos de cada caricaturista, das quais destacamos um desenho de J. Carlos para este trabalho. Estas caricaturas estão sendo analisadas de forma exaustiva.

Considerando os aspectos intrínsecos e extrínsecos da caricatura, bem como os estudos semióticos, que nos capacita à análise dos aspectos abstratos, portanto, os aspectos de ordem emocional das imagens, propomos categorias de análise que poderão ser usadas pelo indexador (também como pontos de acesso para recuperação), a partir de uma política de indexação, que demonstramos pela aplicação prática que segue.

A ÚLTIMA GÔTA



A ÚLTIMA GOTA

O Presidente Dutra—Após prolongados estudos, só encontramos uma saída: transfusão de sangue.

Zé-Povo—Enfim! Afinal vou ser socorrido!

O Presidente—Perdão. Você vai ser o doador.

J. Carlos. Carreta (22-11-1947).

CATEGORIAS	INTERPRETAÇÃO
ANÁLISE SEMIÓTICA DE INTERPRETAÇÃO	
EFEITO EMOCIONAL EFEITO ENERGÉTICO EFEITO LÓGICO	Sufrimento, esperança, coação, conflito Riso A ser definido pelo intérprete
ANÁLISE DOS ASPECTOS INTRÍNSECOS	
CONTEÚDO TEMÁTICO .ACONTECIMENTOS .CENÁRIO .FAIXA ETÁRIA .OBJETOS RETRATADOS .PESSOAS/PERSONAGENS .RELAÇÕES .TEMA .TRAJES REFERENCIAL .LOCAL DE REFERÊNCIA .TEMPO RETRATADO INTENÇÃO DO AUTOR .EXPERIÊNCIA EMOCIONAL .DISCUSSÃO	Déficit orçamentário no Governo Federal Quarto de hospital Adulto Cama, travesseiro, maca, tapete, guarda-chuva, chapéu, cobertor, equipo, prato, vidros de remédio, copo, mesa. Presidente Dutra, Zé-Povo, orçamento do país personificado Econômicas Orçamento brasileiro Formal/informal Rio de Janeiro Século XX, ano de 1947 Sátira Crítica ao descontrole das verbas públicas
ANÁLISE DOS ASPECTOS EXTRÍNSECOS	
REFERENCIAL DESCRITIVO .AUTOR .DATA DA CARICATURA .LEGENDA .PUBLICAÇÃO ORIGINAL .TÍTULO CARACTERÍSTICAS FÍSICAS .MATERIAL E TÉCNICA .SUPORTE .QUALIDADE VISUAL .ESTADO DE CONSERVAÇÃO FONTE DA INFORMAÇÃO	J. Carlos 22.11.1947 O Presidente Dutra - Após prolongados estudos, só encontramos uma saída: transfusão de sangue. Zé-Povo – Afinal vou ser socorrido. O Presidente – Perdão. Você vai ser o doador. Careta A última gôta Desenho colorido, impressão gráfica Papel Boa Bom LIMA, Herman (1963, v.1, p. v)

Quadro de análise e interpretação

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caricatura possui um atributo fundamental para aceitação e compreensão pelo homem que é sua linguagem plástica, visual, mais facilmente percebida que a linguagem escrita. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, ser a caricatura uma linguagem universalmente entendida, em um contexto específico de uma dada sociedade.

Reiteramos que uma das principais características da caricatura consiste no fato de que esta imagem está ligada ao tempo. Na medida em que a base do caricaturista é a vida cotidiana, o tempo presente, e não outro, compõe a imagem de forma a completá-la. Ao registrar um acontecimento diário a caricatura passa uma informação de maneira imediata, no tempo e no espaço situacional. Como expressão artística, forma e conteúdo da caricatura estão intrinsecamente unidos. O artista da caricatura é aquele que vive o momento a ser reproduzido, a vida cotidiana é sua fonte de inspiração. A sátira social é o produto de seu trabalho e está baseada em fatos concretos, em acontecimentos sociais reais.

Nos estudos de análise das imagens da caricatura percebemos que o conjunto da imagem, do texto, tempo, espaço, contexto histórico e social são fundamentais para compor um quadro analítico satisfatório, ao mesmo tempo em que dê conta de recuperar as informações de História e de Memória registradas neste tipo de expressão plástica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2. ed., 2002.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. A imagem e a subtração do olhar informativo e estético. **DataGramaZero**, v. 7, n. 6, dez. 2006, acesso em 10/04/2007.

_____. **Informação e movimento**: uma ciência da arte fílmica. Rio de Janeiro: UFF, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, 2000.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; Rubi, Milena Polsinelli. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **DataGramaZero**. v. 7, n. 3, jun/06. Acesso em 20/06/2007.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A abordagem cognitiva da leitura como prática pedagógica no ensino da disciplina Leitura Documentária no Curso de Biblioteconomia da Unesp/Marília: uso do protocolo verbal para metacognição do indexador aprendiz. In: __. **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Jussara Pereira Santos (org.). Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2007, p. 101-122.

GOFFMAN, William. Information Science: discipline or disappearance. **Aslib Proceedings**, v. 22, n. 12, p. 589-595, 1970.

JOLY, Martine. O que é uma imagem? In: __. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996, cap. 1, p. 13-40.

LANCASTER, F.W. Da indexação e redação de resumos de obras de ficção. In: __. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993, cap. 12, p. 188-213.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963, v. 1. p. 1-407.

_____. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963, v. 2. p. 408-828.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio; ARILLO, Jesús Robledano. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Prefácio. In: **O sonho de Otlet**: aventura em tecnologia da informação e comunicação. Organização de Maria de Nazaré Freitas Pereira e Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Rio de Janeiro, Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p.vii-xxiv.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 6. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002 .

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

_____. Do interpretante. In: _____. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira Thompson Learning , 2004. p. 61-87.

_____. Imagem como representação visual e mental. In: **IMAGEM**: cognição, semiótica, mídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 15-32.

_____. Imagem, texto e contexto. In: _____. **IMAGEM**: cognição, semiótica, mídia. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 53-57.

SHATFORD, S. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 6, n . 3, p. 39-62, 1986.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**: Caderno do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

_____.A análise da imagem: um primeiro plano. In:_____.**Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987, p. 100-112.